



GOVERNO DO  
ESTADO DO CEARÁ  
*Secretaria da Educação*

ESCOLA ESTADUAL DE  
EDUCAÇÃO PROFISSIONAL - EEEP  
ENSINO MÉDIO INTEGRADO À EDUCAÇÃO PROFISSIONAL

CURSO TÉCNICO EM LIBRAS

LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS III





**GOVERNO DO  
ESTADO DO CEARÁ**  
*Secretaria da Educação*

**Governador**

Cid Ferreira Gomes

**Vice Governador**

Domingos Gomes de Aguiar Filho

**Secretária da Educação**

Maria Izolda Cella de Arruda Coelho

**Secretário Adjunto**

Maurício Holanda Maia

**Secretário Executivo**

Antônio Idilvan de Lima Alencar

**Assessora Institucional do Gabinete da Seduc**

Cristiane Carvalho Holanda

**Coordenadora da Educação Profissional – SEDUC**

Andréa Araújo Rocha



# **Língua de Sinais Brasileira III**

**FORTALEZA/CEARÁ**

**FEVEREIRO DE 2013**



**GOVERNO DO  
ESTADO DO CEARÁ**  
*Secretaria da Educação*

**Coordenação Técnica Pedagógica:**

**Mariana Farias Lima**

**Willer Cysne Prado e Vasconcelos**

**Equipe de Elaboração:**

**Mariana Farias Lima**

**Willer Cysne Prado e Vasconcelos**

**Colaboração:**

**Francisca Aldenisa Peixoto da Silva**

## Sumário

Apresentação.....	4
O nível sintático I .....	5
Noções preliminares sobre a Gramática Gerativa .....	6
A sintaxe espacial.....	8
A ordem sintática na LIBRAS .....	12
A repercussão dos tipos de verbo na estrutura sintática.....	15
Semântica e Pragmática.....	22
<b>Referências Bibliográficas.....</b>	<b>26</b>

## **Apresentação**

Este material, que apresentamos a partir de agora, nos convida a dar continuidade aos estudos em Libras, aprofundando os conhecimentos com novos conteúdos que irão complementar aqueles estudados anteriormente. Os temas escolhidos são muitos interessantes e estimulantes e irão fazer com que você queira descobrir cada “mistério” da Língua de Sinais Brasileira. Sabemos que você vai explorar cada assunto e, assim, tornar-se um profissional muito mais qualificado e habilitado quando do término deste curso, aproveitando para aplicar cada aprendizado em sala de aula com alunos surdos e não surdos.

A língua de sinais é utilizada pelas comunidades surdas no mundo todo. No entanto, apenas recentemente passou a ser objeto de interesse social e conteúdo que integra os currículos das escolas. Para o colegial do Ensino Médio, aprender a Língua Brasileira de Sinais com todas as suas especificidades significa vivenciar uma nova era acessível, pela qual irá ampliar as possibilidades de inclusão social e exercer seu direito de acesso ao conhecimento historicamente negado e entrar no mercado de trabalho com igualdade de direitos.

Este Material é um instrumento pedagógico que se constitui como um mediador para facilitar o processo de ensino-aprendizagem em sala de aula.

Mais uma vez, contamos com sua disponibilidade e interesse para aventurar-se nessa viagem fantástica que continua agora...

**Bom trabalho a todos e todas!**

## O nível sintático I

Na visão da Gramática Tradicional, conforme Berlinck, Augusto e Scher (2003), o termo sintaxe remete à parte da gramática dedicada à descrição do modo como as palavras são combinadas para compor sentenças, sendo essa descrição organizada sob a forma de regras. Estas são obtidas por meio do arrolamento de um grande número de autores consagrados, a partir dos quais são listadas, sob a denominação de regras, as formas empregadas por eles para combinar e organizar as palavras em sentenças e as sentenças em texto. Algumas dessas regras, inclusive, são bem conhecidas. Pense no caso da regra que estabelece a ordem direta (sujeito - verbo - complementos) para a organização dos constituintes da sentença.

Contudo, essa visão de sintaxe - entendida como regra do bem falar e bem escrever - para os propósitos deste curso, não interessa. Na verdade, interessa à discussão a ser empreendida aqui uma visão de sintaxe que não é “uma”, mas duas. Isso porque definir o que vem a ser sintaxe varia do ponto teórico sobre o qual o pesquisador se posiciona em relação a como concebe as noções de linguagem e língua.

Dois grandes correntes pelas quais as análises seguem são, o formalismo e o funcionalismo. A abordagem formalista se dedica a questões relacionadas à estrutura linguística (natureza de seus constituintes e relação entre eles), sem dar atenção às relações entre a língua e o contexto no qual está inserida, uma vez que considera a língua como um objeto de estudo em si mesmo, autônomo e autossuficiente. Por tal razão, nessa abordagem, toda análise linguística é feita considerando-se e enfatizando-se a sentença. No funcionalismo, a língua, ou melhor, a linguagem, é vista como um sistema não autônomo, nascido da necessidade de comunicação entre os membros de uma comunidade. Em virtude de a comunicação ser, na visão funcionalista, uma função essencial da linguagem, determina o modo como a língua é estruturada. Por isso, nessa abordagem, a análise da língua deve considerar tanto o

falante quanto o ouvinte e as necessidades da comunidade linguística.

Cada pesquisador, ao se debruçar sobre o estudo de uma dada língua, trilhará um caminho ou outro. Em relação à Língua Brasileira de Sinais, a publicação mais conhecida sobre sua estruturação, referência para outros pesquisadores desta língua e para a elaboração de cursos de LIBRAS, inclusive de graduação, pós-graduação e agora para o ensino médio, é o Livro Língua de Sinais Brasileira: estudos linguísticos, de Ronice Müller de Quadros e Lodenir Becker Karnopp. As autoras trabalham numa perspectiva formalista, mais especificamente na linha da Gramática Gerativa. Portanto, muito do que será abordado neste curso deriva da leitura das autoras, que, não se pode esquecer, olham para a LIBRAS de um ponto de vista formal, procurando, a partir do estudo de sentenças dela e este é um conceito que deverá ser retomado, estabelecer quais são os constituintes desta língua e como eles se organizam. Antes de proceder à exposição da sintaxe da LIBRAS, é necessário que você, estudante, familiarize-se com o programa gerativista.

### **Noções preliminares sobre a Gramática Gerativa**

Em primeiro lugar, deve ficar claro que a Teoria Gerativa se preocupa em explicar o que chama de **competência linguística** do falante em oposição ao que chama de **desempenho linguístico**. Isso significa, em termo bastante simplista, que o gerativismo está preocupado com a língua enquanto representação mental, algo que está na mente do falante. Algo esse que possibilita o desempenho, mas é de natureza diferente da competência. O desempenho está para o uso, para a fala, e a competência para a capacidade mental que possibilita o uso, capacidade essa que é inata. Assim, do ponto de vista gerativista, “[o] falante de qualquer língua natural tem um conhecimento inato sobre como os itens lexicais de sua língua se organizam para formar expressões mais e mais complexas, até chegar ao nível da sentença” (NEGRÃO; SCHER; VIOTTI, 2007b, p.81). É nesse conhecimento inato, como ele se organiza a língua, que o gerativismo está interessado.

Na teoria Gerativa, argumenta-se que todas as crianças nascem com

um dispositivo chamado de **faculdade da linguagem** que lhes possibilita adquirir qualquer língua, durante o período crítico de aprendizagem. Essa faculdade da linguagem é uniforme para todas as crianças. Quando nascem, todas elas apresentam a mesma capacidade, partem do mesmo estado inicial de aquisição da linguagem, possuindo os mesmos mecanismos, não importa se no futuro falarão LIBRAS, chinês ou português. Somente ao serem expostas a uma dada língua, as crianças passam a desenvolver um conhecimento específico sobre ela, conhecimento esse que é fruto “da interação da informação genética que ela traz no estado inicial de sua faculdade da linguagem com os dados linguísticos a que é exposta” (NEGRÃO; SHER; VIOTTI, 2007<sup>a</sup>, p.96).

O estado inicial de que se falou acima também é conhecido como Gramática Universal, já que é entendido como o conjunto e princípios linguísticos universais à disposição de todas as crianças via determinação genética. Alguns desses princípios são invariáveis, se mantêm os mesmos desde o nascimento até a etapa final de aquisição linguística, outros são flexíveis, chamados de parâmetros, vão se moldando conforme o *input* (o que ela ouve ou vê do uso da língua das pessoas que a rodeiam) recebido pela criança. Isso tem a ver com o Modelo de Princípios e Parâmetros, forma como a Gramática Gerativa concebe a língua e que a leva a estudar, como seus objetivos centrais:

- A descrição do conhecimento linguístico atingido por qualquer falante de qualquer língua;
- A caracterização da Gramática Universal;
- A explicação dos processos que levam uma criança da Gramática Universal para o conhecimento de sua língua (NEGRÃO; SHER; VIOTTI, 2007<sup>a</sup>, p.97).

Dessa forma, nas seções a seguir, você acompanhará a proposta de descrição, elaborada por Quadros e Karnopp (2004), do conhecimento

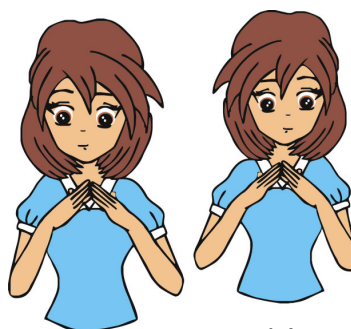
linguístico atingido pelos usuários da LIBRAS, ou seja, a descrição da capacidade linguística dos mesmos sobre a constituição lexical de sua língua e de como ela se organiza em estruturas complexas para formar sentenças.

## **A sintaxe espacial**

Ao tratar da análise linguística da sintaxe da LIBRAS, Quadros e Karnopp (2004, p.121) advertem que para cumprir tal tarefa é preciso que o interessado “ enxergue” esse sistema que é visual-espacial e não oral-auditivo”. Em relação a isso, as autoras argumentam: “[d] e certa forma, tal desafio apresenta certo grau de dificuldade ao linguista; no entanto, abre portas para as investigações no campo da Teoria da Gramática enquanto manifestação possível da capacidade da linguagem humana” ( QUADROS; KARNOPP, 2004,P.127).

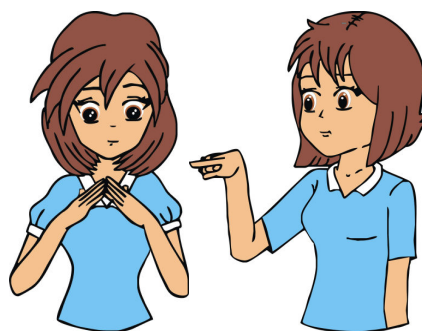
Por ser uma língua espaço - visual, a LIBRAS “monta” suas sentenças distribuindo os constituintes (sinais) de uma determinada maneira no espaço, sendo que relações espaciais específicas são empregadas para desempenhar variados papéis gramaticais. Um exemplo é o de identificação de referentes no discurso. Na LIBRAS, os referentes (eu, ele, você, nós, eles, relações anafóricas etc.), presentes fisicamente ou não, são identificados por suas associações a uma localização no espaço, sendo que diferentes recursos podem ser empregados. A seguir, são ilustradas as possibilidades apresentadas pelas autoras:

- Fazer o sinal em um local particular (nesse caso, o sinal é produzido no local estabelecido para o referente com o qual estabelece relação);



CASA (do  
CASA (do JUSU))

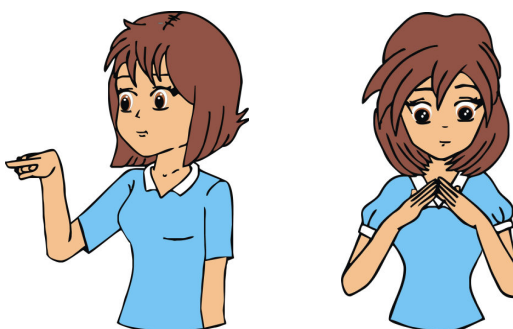
- Direcionar a cabeça e os olhos (e talvez o corpo) em direção a uma localização particular simultaneamente com o sinal de um substantivo ou com a apontação para o substantivo;



CASA

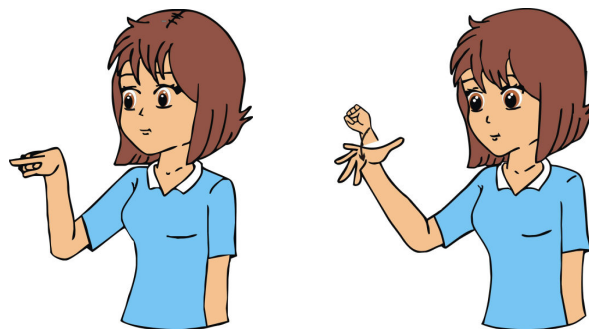
IX (Casa)

- Usar a apontação ostensiva antes do sinal de um referente específico (por exemplo, apontar para um ponto “a” associando esta apontação com o sinal de CASA; assim o ponto “a” passa a referir CASA);



IX (Casa)

- Usar um pronome (a apontação ostensiva) numa localização particular quando a referência for óbvia;



X (Casa) NOVA

- Usar um Classificador (que representa aquele referente) em uma localização particular;



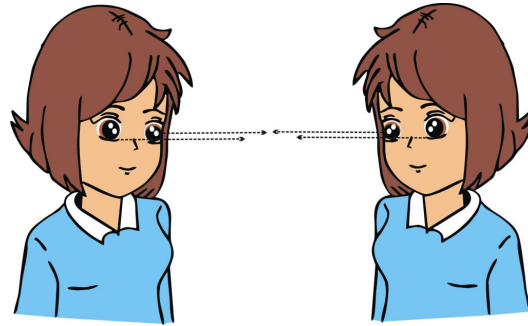
CARRO CL (carro passou um pelo outro).

- Usar um verbo direcional (com concordância) incorporando os referentes previamente introduzidos no espaço (QUADROS; KARNOPP, 2004, p. 126-129).

(eu) IR (casa).

Na LIBRAS, expressão facial, além de sinais manuais, também podem desempenhar papéis gramaticais, marcando construções sintáticas específicas, sendo chamadas de marcações não manuais. Também com base na obra de Quadros e Karnopp (2004, p.132), são apresentadas a seguir algumas marcações não manuais, o papel gramatical que desempenham e o sistema de notação para elas:

- Marca de concordância verbal por meio da direção dos olhos – notação < >do.

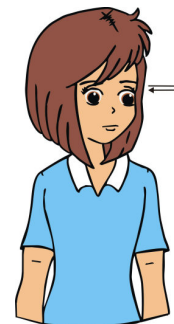
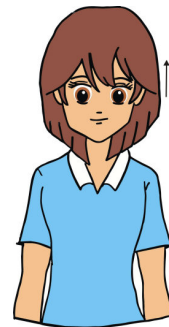


< > do.

- Marca de construções com foco - notação < > mc.

< > mc.

- Marca para negação - notação < > n.



< > n.

- Marca de construção em tópico por meio da elevação das sobrancelhas - notação < > t.

< > t.

- Marca de interrogativa do tipo QU<sup>1</sup> - notação < > qu.

< > qu<sup>1</sup>.

- Marca de interrogativa do tipo S/N (cuja resposta só pode ser sim ou não) – notação < > sn.



&lt; &gt; sn

Agora que você conhece um pouco mais do uso do espaço e outros recursos para estabelecer relações sintáticas na LIBRAS, pode se dedicar, com menos dificuldade, à compreensão da ordem sintática nessa língua, tema da próxima seção.

## A ordem sintática na LIBRAS

Por ordem sintática, deve-se em mente os possíveis arranjos que os constituintes tomam dentro de uma determinada sentença. Em outras palavras, isso significa que a ordem das palavras pode variar dentro de uma sentença. Considere os exemplos abaixo:

(1) Eu encontrei a pessoa que você procurava por acaso.  
(S-V-O-Adj)

(1a) Eu, por caso, encontrei a pessoa que você procurava.

<sup>1</sup> Diz respeito às perguntas feitas com pronomes interrogativos (que, quem, quando e onde), por exemplo: “O que João comprou?”, “Quem não foi para a aula ontem?” e “Onde estão meus livros?”.  
Língua Brasileira de Sinais

(S-Adj-V-O)

(1b) Por caso, eu encontrei a pessoa que você procurava.

(Adj-S-V-O)

(1c) Eu encontrei, por caso, a pessoa que você procurava.

(S-V-Adj-O)

(1d) A pessoa que você procurava eu encontrei por caso.

(O-S-V-Adj)

(1e) Por caso, a pessoa que você procurava eu encontrei.

(Adj-O-S-V)

Essas são algumas possibilidades de variação da ordem dos constituintes na língua portuguesa, considerada uma língua com pouca mobilidade se comparada a línguas como o latim, alemão e a própria Libras, que mostra uma flexibilidade considerável na ordem das palavras. É preciso ter em mente que os constituintes citados dizem respeito ao sujeito (S), verbo (V) e objeto (O) das sentenças, sendo que os adjuntos (Adj) não são considerados constituintes obrigatórios da estrutura sintática. Contudo, em algumas línguas, o português, por exemplo, os adjuntos apresentam maior mobilidade, podendo ocorrer na posição inicial e final da sentença, entre o sujeito e o verbo e entre o verbo e o objeto. Em outras, como a LIBRAS, essa mobilidade é tanto limitada, os advérbios de tempo e frequência, por exemplo, aparecem somente nas posições iniciais e finais.

A verdade é que no plano da expressão, do desempenho linguístico, cada língua escolhe uma única ordem de palavras como dominante, que é a considerada básica ou canônica em tal língua, a qual convive com outras possibilidades de organização. Tanto no português como na LIBRAS as sentenças SVO são muito naturais, sendo que o exemplo com essa ordem são considerados sempre gramaticais. Estudos (FELIPE, 1989; FERREIRA-BRITO, 1999) apontam que a ordem básica da LIBRAS é a SVO, sendo que a variabilidade da ordem não é aleatória. Geralmente, ela é

motivada pela interação de diferentes fenômenos sintáticos. A seguir, são apresentadas algumas das possibilidades de ordenação diferentes da SVO encontradas em Quadros e Karnopp (2004):

- A presença de concordância verbal e marcas não manuais pode acarretar as ordens OSV e SOV;

**<TV<sub>b</sub>> do <IX<sub>a</sub>>do<sup>2</sup> <<sub>a</sub> ASSISTIR<sub>b</sub>> do (OSV)**

**<IX<sub>a</sub>> do <TV<sub>b</sub>>do <ASSISTIR<sub>b</sub>>do (SOV)**

**FUTEBOL <IX>do <GOSTAR>do (OSV)**

**<IX>do FUTEBOL <GOSTAR>do (SOV)**

- O uso de tópico altera a ordem da sentença, gerando uma estrutura OSV;

**<FUTEBOL>t <ALDENISA GOSTAR NÃO>n**

- O uso de construção com foco, incluindo verbos sem concordância, pode gerar a ordem SOV;

**E LIVRO <PERDER>mc**

- Elevação do objeto nas construções contendo verbos com concordância também pode gerar a ordem SOV;

**WILLER<sub>a</sub> ALDENISA<sub>b</sub> <sub>a</sub>DAR<sub>b</sub> LIVRO NÃO<sup>3</sup>**

Willer não deu o livro para Aldenisa.

<sup>2</sup> O símbolo IX representa a incorporação do referente no espaço, significa, então, que um referente como “ele” foi sinalizado pelo recurso de estabelecer um ponto específico no espaço para fazer menção a esse referente.

<sup>3</sup> Nesse caso, um dos objetos internos da sentença (Aldenisa) foi movido para antes do verbo, movido pelo qual as autoras identificam essa estrutura como SOV.

- O emprego de foco contrastivo gera a ordem VOS.

### **QUEM COMPRAR CARRO WILLER OU ALDENISA?**

#### **COMPRAR CARRO <WILLER>foco**

A próxima seção se ocupa em detalhar um pouco mais o comportamento dos constituintes de sentenças que apresentam verbos com concordância e de sentenças com verbos sem concordância.

## **A repercussão dos tipos de verbo na estrutura sintática**

Segundo Quadros e Karnopp (2004), os verbos na Língua Brasileira de Sinais se dividem em pelo menos duas classes:

- a) Verbos sem concordância: não se flexionam em pessoa e número, são, portanto, verbos que exigem argumentos (sujeito e objeto) explícitos, já que não há marcas no verbo que possam identificar os argumentos da frase. Exemplos desse tipo de verbo são: conhecer, amar, aprender, saber, inventar e gostar. Veja como fica uma frase com um desses verbos e seus respectivos argumentos:

- **MIRA CONHECER QUIXADÁ.**

- b) Verbos com concordância: flexionam-se em pessoa e número, apresentando marcações não manuais e movimento direcional. Exemplos dessa categoria são: dar, enviar, responder, perguntar, dizer e provocar. Agora, observe o exemplo abaixo:

### ▪ ONTEM EU DAR DINHEIRO ELA.

É interessante observar, neste ponto, que para análise linguística de uma sentença a primeira coisa que se deve considerar é a presença do verbo. Identificando o verbo principal da sentença é possível perceber se os sintagmas em seu entorno são argumentos ou adjuntos. Tirando o núcleo de um sintagma, por exemplo, o verbo, considera-se adjunto tudo aquilo que não for argumento.

Observe a seguir a análise de uma sentença do português:

**(2) Eu encontrei por acaso a pessoa que você procurava.**

Para facilitar a análise, já que ela será feita de forma linear, é bom colocar os constituintes na ordem direta (sujeito, verbo, objeto e adjuntos):

**(3) Eu encontrei a pessoa que você procurava por caso.**

Primeiramente, há de se identificar o verbo principal, o que sustenta a sentença a sentença como um todo:

**(4) Eu [encontrei]** verbo principal **a pessoa que você procurava por acaso.**

Encontrado o verbo principal, deve-se procurar por seus argumentos, ou seja, os constituintes da sentença que saturam as posições argumentais<sup>4</sup> do verbo encontrar, a saber, x sujeito encontrar y objeto:

**(5) [Eu]** sujeito **encontrei [a pessoa que você procurava]** objeto **por acaso.**

Observe que a posição de objeto é preenchida por uma sentença, a esse fenômeno de uma sentença ocupar o lugar de um sintagma (algo

<sup>4</sup> As nomenclaturas usadas também não pertencem todas à Gramática Gerativa. Para aproximar o conteúdo exposto de seu conhecimento prévio, estudante, a posição de argumento externo está sendo identificada pela nomenclatura de sujeitos e a de argumentos interno, pela nomenclatura de objeto. Nem sempre, contudo, tais posições são ocupadas por essas “funções”.

maior, mais complexo, fazendo às vezes de algo menor, menos complexo) chamamos subordinação. É possível verificar, no exemplo acima, que restou na estrutura o sintagma por acaso: ele é um adjunto. Cada sintagma pode ainda ser analisado em constituintes menores, porém, para o que se pretende para esta aula, o que foi exposto já é suficiente.

Essa digressão se fez necessária para instrumentalizá-lo, estudante, de forma que você possa acompanhar o objetivo desta seção: analisar os efeitos dos tipos de verbos (sem concordância e com concordância) sobre a ordem dos constituintes na estrutura sintática das sentenças em LIBRAS. A partir daqui, são apresentadas as possibilidades de ordenação sintática conforme o tipo de verbo segundo explanação encontrada em Quadros e Karnopp (2004, p.158-162):

- Verbos com concordância:
- Sentença apresenta mais liberdade na ordenação dos constituintes;
- As marcações não manuais são obrigatórias nos verbos com concordância;
- Apresentam argumentos nulos<sup>5</sup>;
- A negação (o não) é realizada antes do verbo.
- Verbos sem concordância:
- Sentença apresenta menos liberdade na ordenação dos constituintes;
  
- As marcações não manuais não são obrigatórias nos verbos sem concordância;
- Não apresentam argumentos nulos;
- A negação (o não) é realizada depois do verbo, no caso de verbo de um único argumento (sujeito) ou de o objeto ter sido movido para o início da sentença (tópico). Se o verbo apresentar objeto, o não será realizado depois do sintagma verbo + objeto.

---

<sup>5</sup> Algo equiparado com o que se chama de sujeito oculto na Gramática Tradicional.  
Língua Brasileira de Sinais

## O léxico da LIBRAS

Após tudo o que estudou nesta aula até aqui, você pode, estudante, ter concluído que a estrutura dos sinais da LIBRAS é complexa por vezes compartilhando características com as línguas orais e por vezes apresentando características que lhe são específicas. E é isso mesmo! Agora, resta expor como se acredita que esteja organizado o léxico da LIBRAS. Mais uma vez um estudo desenvolvido sobre a ASL serve para reflexões sobre a Língua Brasileira de Sinais na obra de Quadros e Karnopp (2004), a qual é tomada como referência aqui também.

As autoras apresentam a seguinte proposta de organização:

Como você observou, a organização proposta se estabelece em termos da relação núcleo-periferia. No núcleo estão os sinais considerados nativos, aqueles que obedecem a todas as restrições de boa formação dos sinais (restrições fonológicas e morfológicas). Em direção à periferia, encontram-se as palavras estrangeiras, os sinais não nativos, sendo que alguns destes também obedecem às regras de formação de sinais. No extremo da periferia estão os lexemas estrangeiros, que respeitam minimamente as regras de estruturação de sinais na LIBRAS.

### DIAFRAGMA

Sobre o léxico não nativo, as autoras indicam, ainda, que ele contém também palavras do português que são soletradas manualmente. Como no caso de: D-I-A-F-R-A-G-M-A.

O alfabeto manual, datilologia, é um conjunto de configurações de mão que representam o alfabeto português. Assim, palavras do português podem ser tomadas emprestadas e passar a fazer parte do léxico da LIBRAS. O empréstimo linguístico é comum a todas as línguas, o português, por exemplo, incorporou a seu vocabulário muitas palavras de

língua estrangeiras.

## **O nível sintático II**

Como você já deve saber, estudante, na LIBRAS as expressões faciais, ou mais genericamente, as marcações não manuais, são empregadas linguisticamente. Isso significa que elas apresentam funções lingüísticas próprias, identificando determinadas estruturas, como sentenças negativas, interrogativas, condicionais, com tópico etc. Reconhecer os empregos sintáticos das marcações não manuais e saber diferenciá-las no uso é uma etapa fundamental no processo de aquisição de fluência nessa língua. Por essa razão, a proposta desta aula é apresentar algumas das estruturas sintáticas mais usuais com marcações não manuais, de forma que você possa, por meio da exposição, adquirir os fundamentos necessários para que as construções com marcas não manuais não representem um obstáculo ao seu processo de desenvolvimento, seja no tocante ao uso da língua, seja quanto ao conhecimento sobre a estrutura da mesma.

### **Estruturas com foco e estruturas com tópico**

A distinção entre as noções de tópico e foco pode ser feita, conforme Pizzio, Rezende e Quadros (2009, p. 8), de acordo com o status da informação inserida no discurso. Assim, as estruturas com foco “introduzem no discurso uma informação nova que pode estabelecer contraste, informar algo adicional ou enfatizar alguma coisa”. Já o tópico cumpre o papel de retomar o assunto sobre o qual se falará, “é uma forma diferente de organizar o discurso” (PIZZIO; REZENDE; QUADROS, 2009, p. 8). A seguir, expõe-se como essas estruturas são construídas na LIBRAS.

Com base em Quadros e Karnopp (2004), pode-se afirmar que na LIBRAS as construções com foco envolvem diferentes propriedades:

- Construções duplas em que o elemento duplicado ocupa a posição final;
- O elemento em foco é sempre um núcleo;

- A presença de foco possibilita o apagamento do primeiro elemento da construção dupla;
- Marcas não manuais acompanham o elemento focalizado.

Nesse sentido, as autoras afirmam que a LIBRAS apresenta construções duplas, sendo que os seguintes elementos linguísticos costumam ser duplicados na posição de foco:

a) Verbos modais

**EU PODER IR <PODER>mc**

b) Quantificadores

**EU TER DOIS CARROS <DOIS>mc**

c) Verbos

**EU PERDER LIVRO <PERDER>mc**

d) Pronomes interrogativos

**<QUEM GOSTAR GATO>qu <QUEM>**

e) Negação

**EU <NÃO IR>n <NÃO>n**

f) Advérbios

**AMANHÃ ELE COMPRAR CARRO <AMANHÃ>mc**

Observe que o elemento focado é duplicado no fim da sentença<sup>6</sup>, além disso, ele é acompanhado, excetuando-se a negação e o pronome interrogativo – que apresenta marcação não manual específica pela elevação da sobrancelha. É preciso considerar que nas construções com foco é possível apagar o primeiro elemento da construção dupla, conforme exemplificam as respectivas glosas abaixo:

g) **EU ~~PODER~~ IR <PODER> mc**

h) **EU ~~PERDER~~ LIVRO <PERDER>mc**

<sup>6</sup> Em Pizzio, Rezende e Quadros (2009) há a menção de que esse tipo de construção se chama de foco de ênfase, podendo ser construído também com o apagamento do primeiro elemento duplicado, o que é tratado logo em seguida, no mesmo parágrafo.  
Língua Brasileira de Sinais

Além disso, nas construções com foco, este recai sobre o núcleo do sintagma. Assim, em G, o foco tomou o núcleo do sintagma verbal. O sintagma verbal é “poder ir”, e o seu núcleo é “poder”. Resumindo, então, o foco envolve elementos linguísticos que são núcleos de sintagmas. Eles podem aparecer duplicados ou não e são acompanhados por marcação não manual.

Vale à pena citar também, com base em Pizzio, Rezende e Quadros (2009), os casos de foco contrastivo, em que duas informações, dadas como novas e desconhecidas, são colocadas em contraste:

- **< QUEM COMPRAR CARRO WILLER OU ALDENISA>qu**
- **COMPRAR CARRO <WILLER>afirm**
- **<QUEM ASSISTIR NOVELA MIRA OU MALÚ>qu**
- **ASSISTIR NOVELA <MALÚ>afirm**

Nesse caso, o foco se trata do elemento considerado correto dentro do contraste estabelecido. Para encerrar as estruturas com foco, resta observar que apenas em caso específico, que apresentam restrições, o elemento focado não aparece no final da sentença. Tais casos específicos têm a ver segundo Ross (1967, *apud* QUADROS; KARNOPP, 2004), com as “restrições de ilha”. Essas restrições dão conta de que um elemento não pode ser extraído de uma certa estrutura sintática, a que apresenta estatuto de “ilha”, e deslocado na sentença. Isso se deve ao fato de que estruturas que funcionam como ilha, isto é, se encontram isoladas dentro de uma estrutura maior, não permitem que seus constituintes sejam movidos justamente pelo seu estatuto de isolamento. Esse é o caso quando o foco recai sobre uma sentença relativa. De acordo com Quadros e Karnopp (2004, p. 183), por ser considerada uma ilha, a oração relativa só pode ter o foco associado a ela dentro da sua própria estrutura. Observe:

- **MULHER <BICICLETA CAIR BICICLETA>r ESTAR HOSPITAL**

No enunciado anterior a oração relativa é BICICLETA CAIR, e a

repetição de BICICLETA, dentro da estrutura da relativa, marca o foco. A intenção é dizer que a mulher caiu de bicicleta e não de qualquer outra forma, mas, devido à restrição da ilha, o elemento BICICLETA não pode ser duplicado no final da sentença, apenas no final da “estrutura-ilha”.

Diferentemente do foco, o tópico não introduz uma informação nova, antes organiza o assunto sobre o qual o discurso versará o que se pode verificar nos exemplos abaixo, retirados de Pizzio, Rezende e Quadros (2009, p.12):

- **<ANIMAIS>t EU GOSTO GATO**
- **<FRANÇA>t EU VOU**
- **<MARIA>t JOÃO GOSTA ELA**

Repare que, além de elemento topicalizado estar no início da sentença, ele é acompanhado pela elevação da sobrelanceira.

## **Semântica e Pragmática**

A formação de palavras, bem como a formação de sentenças, implica na veiculação de significados. Estes são objetos de estudo da Semântica. O problema é que não é fácil definir o conceito de “significado”. Além disso, como a questão do significado está fortemente ligada à do conhecimento, outro problema que se levanta é o da relação entre linguagem e mundo, e de que forma o conhecimento se torna possível. Como não há consenso entre os linguistas sobre essas questões, há várias semânticas. Cada uma, conseqüentemente, elege a sua noção de significado, responde diferentemente à questão da relação entre linguagem e mundo e constitui, até certo ponto, uma teoria fechada, incomunicável com as outras. Muitos linguistas gostam de fazer uma separação entre Semântica e Pragmática. De maneira geral, para eles, a Semântica trata da significação linguística independentemente do uso que se faz da língua. A Pragmática, por outro lado, teria como objetivo o estudo da significação construída a partir do momento em que a língua é posta em uso, ou seja, em uma determinada situação de fala.

Outros linguistas preferem não estabelecer uma distinção tão clara entre as duas áreas de pesquisas, na medida em que acreditamos que a significação das expressões linguísticas só se constrói por inteiro quando a língua é posta em uso.

Com isso, pode se considerar finalizado o panorama proposto sobre os níveis de análise linguística. Convém observar a utilidade dos estudos linguísticos, em seus vários níveis.

### **O objeto de estudo da Semântica e da Pragmática**

Vamos retomar algumas noções que foram estudadas na disciplina LSB II, quando vocês foram apresentados ao pensamento de Saussure. Para Saussure, o objeto de estudo da Linguística é o **signo linguístico**. O signo linguístico é uma associação de um conceito, chamado **significado**, a uma imagem acústica (ou ótica), chamada **significante**.

Estão lembrados? Tanto o significado, quanto o significante são entidades abstratas que existem na mente dos falantes de uma determinada língua. Significado e significante são, portanto, entidades mentais.

Usamos os signos para falar sobre coisas no mundo (entre outras coisas!). Por isso, temos a palavra (signo) “*mesa*” para falar sobre esta mesa à qual estamos sentados para escrever este texto. Mas isso não quer dizer que o *significado* do signo “*mesa*” deve ser identificado com esta mesa no mundo sobre a qual falamos. E nem que o *significante* de “*mesa*” deve ser identificado com os sons (ou sinais) que usamos para pronunciar a palavra.

O significado não é a mesa (o objeto físico) em si, mas a *representação mental* que temos do objeto. Do mesmo modo, o significante desse signo não é o som [mezã], mas a representação mental que os falantes de português fazem desses sons, que os ajuda a

reconhecer o signo “mesa” quando ele é pronunciado, e, a saber, como o signo deve ser pronunciado.

O que é importante é que o signo estabelece uma **relação simbólica** entre um significado e um significante. O que isso quer dizer? Quer dizer que, quando pronunciamos a sequência fonológica /meza/, necessariamente designamos o conceito [MESA]. O signo é isso: uma relação simbólica inseparável entre significado e significante. E já que a língua é um sistema de signos, isso significa que a língua é simbólica. Cada vez que pronunciamos ou sinalizamos palavras, sentenças ou discursos inteiros estamos designando conceitos.

Assim, por exemplo, sabemos que o conceito associado a palavras como “calvo” e “careca”, nas sentenças (1) e (2), são iguais:

- **(1) O João começou a ficar calvo aos 30 anos.**
- **(2) O João começou a ficar careca aos 30 anos.**

Ou seja, tanto o uso da palavra “calvo”, quanto o uso da palavra “careca”, nas sentenças acima, nos leva ao conceito relativo à propriedade que alguém tem de não ter cabelo.

Da mesma maneira, o conceito que formamos quando ouvimos uma sentença como (3) é semelhante ao conceito que formamos quando ouvimos uma sentença como (4):

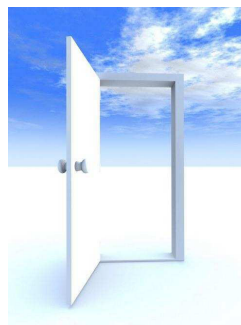
- **(3) A Maria ainda acredita que o Pedro ganhou na loteria.**
- **(4) A Maria continua achando que o Pedro ganhou na loteria.**

Vamos considerar, agora, uma sentença como a seguinte:

- **A porta está aberta.**

Qual é o conceito que formamos quando ouvimos uma sentença como essa, fora de contexto? Em termos bem intuitivos, formamos o

conceito de um objeto físico que serve para marcar o ponto de entrada ou saída de uma sala, e o de que esse objeto físico não está obstruindo nem a entrada, nem a saída de ninguém dessa sala.



Mas, agora, pensem na seguinte situação. Um professor está dando aula e um grupo de alunos está fazendo a maior bagunça, conversando sem parar, e não prestando atenção à matéria que está sendo ensinada (você nunca viu isso, não é?). O professor dá uma bronca nos alunos e pede para eles ficarem quietos. Entretanto, depois de alguns minutos, eles continuam a conversar e a perturbar a aula. Desta vez, o professor para a aula, chama o nome dos alunos que estão fazendo bagunça e diz: “A porta está aberta!” Qual é o significado dessa sentença nesse contexto? Parece ser bem diferente daquele conceito que formamos sobre a sentença (5), não é? Nesse contexto, a sentença “A porta está aberta” é entendida como um pedido aos alunos para que se retirem da sala.

Vamos pensar agora em outro contexto. O professor está dando aula, a porta da sala está aberta, e alguém para do lado de fora da sala, com ar de curiosidade e interesse. O professor, em uma atitude bem simpática, se dirige a essa pessoa e diz: “A porta está aberta” (provavelmente acompanhado de um gesto). Será que o significado dessa sentença se mantém igual ao significado formado no contexto anterior? Certamente não! Desta vez, o professor não está pedindo à pessoa que se retire de lá. Desta vez, o professor está convidando a pessoa a *entrar* e a assistir à sua aula. Podemos multiplicar esses exemplos. Imaginemos o mesmo professor tentando dar aula, com muito barulho vindo do lado de fora. Muita gente no corredor está falando alto. Ele vira para uma aluna

sentada do lado da porta e diz baixo: “A porta está aberta.” Nesse caso, qual é o significado da sentença? Podemos perceber qual é, quando a aluna levanta e fecha a porta! Foi um pedido de fechar a porta.

Vejam, então, como o contexto de uso dos signos lingüísticos influi na construção de seu significado.

## Referências Bibliográficas

FELIPE, Tanya; MONTEIRO, Myrna. **Libras em Contexto: curso básico**. Rio de Janeiro: LIBRAS Editora Gráfica, 2005.

QUADROS, Ronice Muller de & KARNOPP, Lodenir. **Língua de sinais brasileira: estudos lingüísticos**. Porto Alegre: Porto Artmed, 2004.

CAPOVILLA, F. C.; RAPHAEL, W. D. e cols. **Dicionário enciclopédico ilustrado trilingue da língua brasileira de sinais brasileira**. 2. ed. São Paulo: EDUSP, 2001. 1 e 2 v.

QUADROS, Ronice Muller. **Estudos Surdos III**. Petrópolis: Editora Arara Azul, 2008. (distribuição gratuita em: <http://editora-arara-azul.com.br/estudos3.pdf>)

GESSER, Audrei. **LIBRAS? Que língua é essa? Crenças e preconceitos em torno da língua de sinais e da realidade surda**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.



## Hino Nacional

Ouviram do Ipiranga as margens plácidas  
De um povo heróico o brado retumbante,  
E o sol da liberdade, em raios fúlgidos,  
Brilhou no céu da pátria nesse instante.

Se o penhor dessa igualdade  
Conseguimos conquistar com braço forte,  
Em teu seio, ó liberdade,  
Desafia o nosso peito a própria morte!

Ó Pátria amada,  
Idolatrada,  
Salve! Salve!

Brasil, um sonho intenso, um raio vívido  
De amor e de esperança à terra desce,  
Se em teu formoso céu, risonho e límpido,  
A imagem do Cruzeiro resplandece.

Gigante pela própria natureza,  
És belo, és forte, impávido colosso,  
E o teu futuro espelha essa grandeza.

Terra adorada,  
Entre outras mil,  
És tu, Brasil,  
Ó Pátria amada!  
Dos filhos deste solo és mãe gentil,  
Pátria amada, Brasil!

Deitado eternamente em berço esplêndido,  
Ao som do mar e à luz do céu profundo,  
Fulguras, ó Brasil, florão da América,  
Iluminado ao sol do Novo Mundo!

Do que a terra, mais garrida,  
Teus risonhos, lindos campos têm mais flores;  
"Nossos bosques têm mais vida",  
"Nossa vida" no teu seio "mais amores."

Ó Pátria amada,  
Idolatrada,  
Salve! Salve!

Brasil, de amor eterno seja símbolo  
O lábaro que ostentas estrelado,  
E diga o verde-louro dessa flâmula  
- "Paz no futuro e glória no passado."

Mas, se ergues da justiça a clava forte,  
Verás que um filho teu não foge à luta,  
Nem teme, quem te adora, a própria morte.

Terra adorada,  
Entre outras mil,  
És tu, Brasil,  
Ó Pátria amada!  
Dos filhos deste solo és mãe gentil,  
Pátria amada, Brasil!

## Hino do Estado do Ceará

Poesia de Thomaz Lopes  
Música de Alberto Nepomuceno  
Terra do sol, do amor, terra da luz!  
Soa o clarim que tua glória conta!  
Terra, o teu nome a fama aos céus remonta  
Em clarão que seduz!  
Nome que brilha esplêndido luzeiro  
Nos fulvos braços de ouro do cruzeiro!

Mudem-se em flor as pedras dos caminhos!  
Chuvas de prata rolem das estrelas...  
E despertando, deslumbrada, ao vê-las  
Ressoa a voz dos ninhos...  
Há de florar nas rosas e nos cravos  
Rubros o sangue ardente dos escravos.  
Seja teu verbo a voz do coração,  
Verbo de paz e amor do Sul ao Norte!  
Ruja teu peito em luta contra a morte,  
Acordando a amplidão.  
Peito que deu alívio a quem sofria  
E foi o sol iluminando o dia!

Tua jangada afoita enfune o pano!  
Vento feliz conduza a vela ousada!  
Que importa que no seu barco seja um nada  
Na vastidão do oceano,  
Se à proa vão heróis e marinheiros  
E vão no peito corações guerreiros?

Se, nós te amamos, em aventuras e mágoas!  
Porque esse chão que embebe a água dos rios  
Há de florar em meses, nos estios  
E bosques, pelas águas!  
Selvas e rios, serras e florestas  
Brotem no solo em rumorosas festas!  
Abra-se ao vento o teu pendão natal  
Sobre as revoltas águas dos teus mares!  
E desfraldado diga aos céus e aos mares  
A vitória imortal!  
Que foi de sangue, em guerras leais e francas,  
E foi na paz da cor das hóstias brancas!



**GOVERNO DO  
ESTADO DO CEARÁ**  
*Secretaria da Educação*